

Apresentação dossiê: Corporalidades e violência na literatura recente produzida por mulheres

Lúcia Osana Zolin* 

Alexandra Santos Pinheiro** 

A proposta deste dossiê vem marcada por um tema que sempre se fez presente na história das mulheres: o da violência. O Brasil se situa entre os países considerados violentos para mulheres e, contextualizada em um cotidiano que automatiza a violência, a literatura brasileira contribui para com a visibilidade desses corpos aviltados que se multiplicam nos noticiários. Essa realidade, de certa maneira, não é muito diferente nos demais países lusófonos. Na seara sociocultural, são múltiplos os discursos que, de diferentes maneiras, naturalizam a violência sofrida pelas mulheres: os discursos políticos, religiosos, familiares e culturais repercutem a visão binária e hierarquizada dos sujeitos. Discursos que pré-determinam papéis, baseados na dicotomia masculino X feminino e suas reverberações patriarcais e, portanto, misóginas: dominação X submissão, força X fraqueza, voz X silêncio, entre outras afins.

A literatura contemporânea escrita por mulheres, de modo especial, vem adentrando e problematizando tais discursos. O feminismo crítico-literário tem demonstrado que as performances femininas representadas a partir da perspectiva autoral de mulheres frequentemente problematizam e/ou subvertem diversos dos mecanismos de regulação do gênero, fazendo emergir novas possibilidades de vivências corporais, as quais vão contrastando com o modelo feminino disseminado pela hegemonia patriarcal. A partir da entrada no terceiro milênio, os discursos da literatura de autoria feminina apontam para a tendência de ampliação do leque de temáticas recorrentes na obra daquelas que vieram antes, como a do amor, a do casamento e a da família. As escritoras passam a abordar com muita tranquilidade as mais diferentes temáticas que gravitam no mundo contemporâneo, dentre as quais destaca-se a da violência. De modo que sua representação e suas motivações, eivadas do *habitus* masculino de dominação, vêm ganhando cada vez mais espaço nessas páginas e sendo abordadas em suas múltiplas facetas, desde as insidiosas violências psicológicas ou simbólicas, passando pela arbitrariedade da obje-

* Doutora em Letras e professora de Teorias Linguísticas e Literárias na Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Brasil. E-mail: luciazolin@yahoo.com.br.

** Doutora em Teoria e História Literária e professora da Universidade Federal da Grande Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: alexandrasanpinheiro@gmail.com.

tificação sexual ou subjugação dos corpos femininos, até chegar ao extremo do feminicídio. Práticas que colocam em xeque a cultura da honra e do poder masculinos, desconstruindo sua legitimidade e convocando olhares de desautomatização.

Todos os artigos que integram esse número contemplam a literatura de autoria feminina. Problematizam, a partir de múltiplos aspectos, o fazer literário edificado de acordo com a posição de mulheres que são e, portanto, com suas experiências socioculturais. Em vista desse panorama, reunimos em um primeiro bloco aqueles que se debruçam sobre o debate das corporalidades femininas na perspectiva da violência – o dossiê, propriamente dito; em um segundo, encontram-se os artigos da seção livre.

Abrindo o dossiê, trazemos o artigo **A autópsia do feminicídio na ficção de Marina Colasanti e Patrícia Melo**, no qual Carlos Magno Gomes problematiza, a partir de obras selecionadas dessas escritoras brasileiras, a representação de diferentes formas de feminicídio conjugal, relacionadas a valores misóginos, como o culto da honra masculina e o ódio à mulher, advindos da tradição patriarcal conservadora. Assinado por Ilmara Valois Bacelar Figueiredo Coutinho, também **Trajetórias de (des)aprendizagens em Mulheres empilhadas, de Patrícia Melo** tem como foco o feminicídio, examinado a partir da ótica narradora, e seus trânsitos geográficos e culturais. Os construtos simbólicos, socioculturais e políticos que culminam no feminicídio estão igualmente presentes ao longo da análise.

Em **Entre ficção, há história: uma leitura de Carta à Rainha Louca, de Maria Valéria Rezende**, Giselle Larizzatti Agazzi e Raúl Cesar Gouveia Fernandes analisam o romance de Rezende, promovendo o desnudamento do modo como a autora constrói a narradora Isabel, para revisitar as ações violentas dos colonizadores e a resistência de mulheres, negros e demais desfavorecidos durante o Brasil colonial. **The historical fiction of Eliana Alvez Cruz: necropower, violence, coloniality of the body, and infectious diseases**, escrito por Francis Williams Brito da Conceição, também revisita um Brasil colonial marcado pela violência e pela barbárie. Representações de necropotência, violência, colonialidade do corpo e doenças infecciosas, recorrentes no processo de escravização de pessoas negras são alguns dos temas abordados no artigo. O contexto colonial é igualmente iluminado em **Histórias de violência, corpos na violência: O alegre canto da perdiz, de Paulina Chiziane**, de Marie Claire De Mattia. A autora demonstra como a escritora moçambicana Paulina Chiziane revisita a história de Moçambique, deixando transparecer as representações das violências de gênero e de raça durante o regime colonial.

Em **Apreensão do ódio e da violência em Gog Magog, de Patrícia Melo**, Carlos Wender Sousa Silva põe em discussão, por meio da análise da obra *Gog Magog*, de Patrícia Melo, a característica recorrente do texto literário contemporâneo de promover a visibilidade de manifestações de violência ocorridas dentro das esferas públicas e privadas. Conforme destaca o próprio autor, “o Brasil das es-

tatísticas chega ao romance”, tornando visível a violência cotidiana automatizada e naturalizada.

Em **Dos pornotrópicos à emancipação da mulher: corpo e território em Caderno de memórias coloniais**, de Isabela Figueiredo, Alessandra Paula Rech e Daniele Scalia chamam a atenção para a distinção entre as opressões sexuais sofridas pelas mulheres colonizadoras brancas e as mulheres negras colonizadas. Trazemos, por fim, o artigo **A violência das pequenas mortezinhas em produções literárias lusófonas contemporâneas**, de Angela Guida e Daniel Almeida Machado, cujo foco recai sobre a violência psicológica e as mortes simbólicas que advém dela. Os textos *A gorda*, de Isabela Figueiredo; *Esse cabelo*, de Djaimila Pereira de Almeida, e *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, de Martha Batalha são tomados como foco desta análise. Victoria e André, no artigo **Sobre o silenciamento feminino no conto “Telhado quebrado com gente morando dentro”, de Jarid Arraes**, destacam os silenciamentos enfrentados pelas mulheres, reflexo da falta de voz, de conhecimento e dos preconceitos presentes nas relações entre as próprias mulheres e do mundo para com elas. O dossiê é encerrado com a entrevista realizada por Sandro Adriano da Silva com a escritora Tatiana Salem Levy - **Literatura e violência: entrevista com Tatiana Salem Levy**. Trata-se de oferecer aos leitores a oportunidade de conhecer a perspectiva da escritora em relação aos temas que norteiam as suas narrativas, dentre os quais o das diferentes violências que incidem sobre o corpo feminino.

A seção livre é iniciada com o texto de Nathália Carvalho da Silva, Emanuella Oliveira Diniz Lins e Gabriella Dupim. **A escrita de Llansol: um litoral para o infinito feminino** analisa a obra de Maria Gabriela Llansol e a maneira com que a escritora explora a escrita de autoria de mulheres e a busca por expressar o indizível. Em **Experiências leitoras da escritora Zélia Gattai**, Luciana Bessa Silva explora tais experiências na obra da escritora brasileira a partir da análise de *Anarquistas, graças a Deus*. No artigo **O bildungsroman como reparação: um estudo de Com armas sonolentas de Carola Saavedra**, Anne Louise Dias examina a obra como uma variante do romance de formação tradicional. A trajetória das três protagonistas, focalizadas em fases diferentes da vida, somadas à “narrativa de uma história que busca reconstruir o protagonismo de indivíduos outros na identidade da nação”, conferem ao romance um tom de *bildungsroman*, entendido como recurso de reparação de traumas individuais e nacionais.

Em **“Sou um animal muito antigo, também serei mulher bomba” ou a história segundo Tatiana Pequeno**, Luciana Teixeira Martinez analisa três poemas da poeta brasileira Tatiana Pequeno: “museu nacional”, “museu nacional” e “querida”, retirados do livro *Onde estão as bombas* (2019) no intuito de aproximar a escrita feminina e o pensamento de Walter Benjamin e Hélène Cixous. Maria do Carmo Moreira de Carvalho e Elio Ferreira de Souza propõem, em **Escrevivência: epistemologia dos orixás e a autoafirmação do “sujeito-mulher-negra” no conto Das águas**, de Cristiane Sobral, analisar tal conto no intuito de compre-

ender como se dá aí o processo de "auto-apresentação" da mulher negra e a autoafirmação da personagem.

Finalizando esta seção, o artigo **Da destruição do corpo feminino à criação da posteridade: estética da reação e o antagonismo à violência discursiva**, de Fernanda Barbosa de Carvalho Nery, teoriza o conceito de *Estética da Reação*. Para a autora, a literatura feminina contemporânea emerge enquanto antagonista, por excelência, das violências, instituídas pelo poder hegemônico, no seio da representação, estabelecendo a possibilidade da construção de uma posterioridade, anteriormente associada apenas à cultura masculina.

O volume é encerrado com a resenha de José Cândido de Oliveira Martins da obra **El yo en la epopeya: nuevos espacios de subjetividad en la poesía épica ibérica y latinoamericana del siglo**, de Dirk Brunke e Roger Friedlein. A obra foi publicada em 2020, em Madri, pela editora Iberoamericana Vervuert.

Nossa torcida é para que a leitura dos textos aqui reunidos possa inspirar novas pesquisas e reflexões acerca dos discursos que resultam na violência contra os corpos de mulheres e sua representação na literatura. As autoras contempladas neste dossiê demonstram o quanto a escrita contemporânea de autoria feminina pode contribuir para o debate e para uma visão mais humanitária da relação entre todos os sujeitos.

Lúcia Zolin e Alexandra Santos Pinheiro